

Taubaté, 20,2,1905

Rangel:

Conversemos enquanto chove. Veiu *A Ilustração* e ao le-la lembrei das famosas revistas que fundamos no Guarani: *O Gato*, *O Corvo*. Depois foi como se relesse um numero da primitiva fase do *Minarete*, o pequenininho, no tempo em que o Cndido escrevia o *Fen dé brut*. Só faltaram você e o Albino, esse relapsissimo Guy d'Han. E tambem o Ricardo. Reli a maupassanada do Tito e mais uma vez me convenci de que ele tem ali o seu *Vase Brisé*. O Tito de hoje não vale aquele. Lino, o eterno trovejamento de bombas. Sempre que o leio lembro-me do foguetorio da Semana Santa, quando estouram os morteiros. Estouros, chiados, chispas e depois rolos de fumaça branca rumo ao céu. O Raul... Que coisas adoraveis esse adoravel Raul escreveria, se fosse arrancado daquela infame estrada de ferro e posto a cultivar-se num curso folgado! E faltou tambem o Nogueira, o Fréron. Tenho saudades do Nogueira! A sua cronica inicial no *Comercio de S. Paulo*... as novidades de cabelo branco que ele, como um Isaias, atirava ao mundo... a sua tremenda descoberta do Valmiky...

Muito piegas debes estar achando o “Dr. Lobato”, este homem serio que ontem foi metido no corpo dos jurados e tambem já foi convidado para a Irmandade do Santissimo Sacramento, especie de Klu-Klux-Klan local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco á modo americana. Bem que me esforço por tomar tudo isto a serio, Rangel; mas não vale_ todo este burguesismo, Rangel, não vale uma hora das nossas horas do Minarete do Belenzinho, nem aqueles “aborrecimentos” conjuntos no Café Guarani, entre cigarros e laranjinhas.

O Jonas de Barros é um amor_ ou pelo menos ficou assim depois de coado através da imaginação descritiva do Ricardo. “O Incompreendido”. Ponha-o num conto, antes que eu o faça.

Ah, Rangel, eu brinco mas o desespero anda a assaltar-me. Meu processo de burrificação marcha firme. Este ar, esta coisa chamada “interior”, arraza uma criatura em poucos meses. Sinto que estou me tornando tapera_ com pés de joás, erva de Santa Maria, cordão-de-frade e guanxumas no terreirinho outrora tão limpo... As ideias vem-me lorpas, com o carimbo local, ideias de boticario da roça. Sinto uma ferrugem no cerebro, tudo *grincheux*, difficil... Que suicidio lento é este viver de aldeia! Suicidio mental apenas, porque o corpo prospera lindamente. Faz-me falta o oxigenio metropolitano. Pelo Carnaval vou refocilar aí e matar as saudades_ saudades sobretudo de vocês todos.

Que fim levou o Edgard Jordão?

LOBATO